

NOTA SOBRE OCORRÊNCIA DE MANGUE NO TERRITÓRIO FEDERAL DE FERNANDO DE NORONHA

Existe na ilha principal de Fernando de Noronha uma rara e única ocorrência de mangue. Situado em pleno oceano Atlântico, apesar de não exceder uma área de aproximadamente 1.500 m², esse pequeno mangue ocupa uma relevante posição geográfica. Talvez possa contribuir na compreensão da dispersão geográfica das espécies características dos manguezais. Na hipótese de um centro de dispersão originário no Oceano Índico, via Corrente de Benguela e Equatorial, o de Fernando de Noronha pode ter servido de ponto na migração dessas espécies para o Continente Americano. Durante o Holoceno, as formações de mangue podem ter ocupado superfícies bem mais significativas no arquipélago. A pequena área que hoje subsiste deve ser tratada como uma relíquia de importante relevância científica.

Situado numa posição ímpar (Fig. A), na longitude 32 graus 24'W e latitude 3 graus 50'S, esse mangue recebe na montante as águas da maior bacia de captação da ilha - a do Rio Maceió. Nela situa-se o principal açude do Território para o abastecimento da população em água potável. Ao longo da linha de drenagem do Rio Maceió ocorre um adensamento progressivo da vegetação natural e cultivada, com espécies como *Erythrina velutina*, *Ficus catapaefolia*, *Tamarindus indica*, *Leucena leucocephala*, *Cocus nucifera*, *Citrus* sp... Ao atingir a baía do Sudeste o rio percorre áreas de dunas semi-fixas e o pequeno desnível com relação ao mar dá origem ao manguezal constituído unicamente por *Laguncularia racemosa*, conhecida como mangue branco. A fauna selvagem estabelece com essa pequena formação vegetal relações privilegiadas.

É um biótopo com composição faunística parcialmente variável, pois é freqüentado por várias aves migratórias (*Scolopacidae*) oriundas do Hemisfério Norte, como o maçarico de pernas amarela (*Tringa flavipes*), o maçariquinho (*Calidris minutilla*), o maçarico branco (*Calidris alba*), etc. O mangue é visitado igualmente por aves litorâneas residentes no arquipélago, como atobás de pés vermelhos (*Sula sula*), fregatas (*Fregata magnificens*), viuvinhas pretas (*Anous minutus* e *A. stolidus*) e trinta réis (*Sterna fuscata*). Os recursos naturais oferecidos à avifauna suprem um certo aporte alimentar, hídrico e de abrigo. Esse pequeno mangue é explorado igualmente pela arribação endêmica (*Zenaida auriculata noronha*) e o sebitó (*Vireo gracillirostris*).

Além da avifauna existem outros vertebrados residentes no mangue como o lagarto endêmico (*Mabuya maculata*) e o sapo cururu (*Bufo paracnemis*), que encontra ali um biótopo de reprodução e para o desenvolvimento dos girinos. Há também o caranguejeiro aratu (*Plagusia depressa*), que sobe nas formações de *Laguncularia*. Esta

em determinados locais atinge quase 10 metros de altura. Também nas águas do mangue ocorre um pequeno peixe (*Gobiosoma* sp.), que é predado por uma série de aves e crustáceos.

Na jusante do mangue encontra-se a baía do Sueste. Trata-se da única baía fechada do arquipélago, local de abrigo para os barcos na estação chuvosa e intensamente explorada por atividades turísticas. Sua pequena profundidade e o relativo confinamento de suas águas faz com que exista um processo limitado de eutrofização. Há uma deposição diária de algas junto à praia com o movimento das marés. Por estas mesmas razões suas águas apresentam também uma temperatura significativamente mais elevada do que a encontrada na orla litorânea.

Dada sua localização, tamanho, composição faunística, florística e a sua condição insular, o mangue de Fernando de Noronha é frágil e sensível às mudanças que o homem vem introduzindo naquela área. Hoje, infelizmente, sua existência encontra-se ameaçada.

A intensidade de atividade turística naquele local tem levado a uma grande acumulação de lixo nas águas do mangue (plásticos, garrafas, latas e detritos orgânicos). O processo é acumulativo. A retirada de areia das dunas do Sueste, para utilização na construção civil, ameaça a dinâmica hídrica natural. Além do mais, essas dunas são raras e reúnem material fossilizado de alto interesse para uma compreensão da história passada do arquipélago. A presença humana naquele local é muito antiga. Ali funcionou inclusive um leprosário no final do século XIX, cujas construções são utilizadas atualmente por um pequeno agricultor. Sua condição de isolamento com relação ao resto da ilha fez com que esse leprosário funcionasse como uma espécie de hospital de quarentena. Os mortos eram enterrados nas dunas que ainda guardam restos desse período. Fotos dos anos 50 mostram que essas dunas eram vivas, mas hoje foram fixadas quase completamente por uma vegetação psamófila, constituída sobretudo por *Ipomoea pes-capae*, *Desmodium incanum*, *Panicum* sp., *Phylloxerus portucaloides*, *Borreria* sp., *Crotalaria mucronata*, *Tillaceae*, *Mimosa* sp. e *Leucaena leucocephala*. As obras de ampliação do açude Xaréu, na montante do mangue, movimentaram muita terra. As áreas não revestidas foram erodidas pelas chuvas e em 1986 houve uma importante chegada de argila, tanto a nível do mangue, como na baía do Sueste. O confinamento da baía faz com que essa argila permaneça no local, em parte floculada e em parte dispersa. Aparentemente isso tem aumentado o retroespalhamento da luz solar e por consequência a temperatura da água. O fenômeno é bem visível de avião. Na situação atual os vertedouros não conso-

lidos do açude, assim como algumas áreas de empréstimos e movimentação de terras, representam uma ameaça de chegada de mais material sólido no mangue. Além do hipotético, mas possível desastre que poderia representar uma ruptura do açude. Rupturas já ocorreram nesse mesmo açude ao longo deste século.

O governo atual do arquipélago está preocupado em preservar essa unidade singular do Território, mas necessita do apoio e da orientação da comunidade científica. A equipe do Centro Nacional de Pesquisa de Defesa da Agricultura da EMBRAPA pretende considerar de forma diferenciada ações de pesquisa sobre esse mangue relíquia e está disposta a colaborar com outras instituições e pesquisadores sobre esse tema.

Evaristo Eduardo de Miranda - Pesq. do CNPDA/EMBRAPA

José R. Miranda - Inst. de Biociências, Depto. de Ecologia, USP

BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, F.F.M. 1958. Geologia e petrologia do Arquipélago de Fernando de Noronha. Monografia 13. Rio de Janeiro, Ministério da Agricultura, Div. de Geologia e Mineralogia, 181p. il.
- HIDROSERVICE. 1986. Plano diretor de desenvolvimento para o Território Federal de Fernando de Noronha, relatório final. São Paulo, 561p. 4v.
- LEONEL, C. (1986). Mangue. São Paulo, Departamento Estadual de Proteção de Recursos Naturais/Coordenadoria da Pesquisa de Recursos Naturais, 16p. (Folheto, 1).
- MIRANDA, E.E. 1987. As ações de pesquisa agroecológica do CNPDA/EMBRAPA no Território Federal de Fernando de Noronha. Jaguariúna, SP, EMBRAPA-CNPDA, 16p.
- SICK, H. 1984. Ornitologia brasileira: uma introdução. Brasília, Editora Universidade de Brasília, 827 p. 2v. il.
- TUCK, G.S. & HEINZEL, H. 1985. Guide des oiseaux de mer. Paris, Delachaux et Niestlé, 310 p. il.

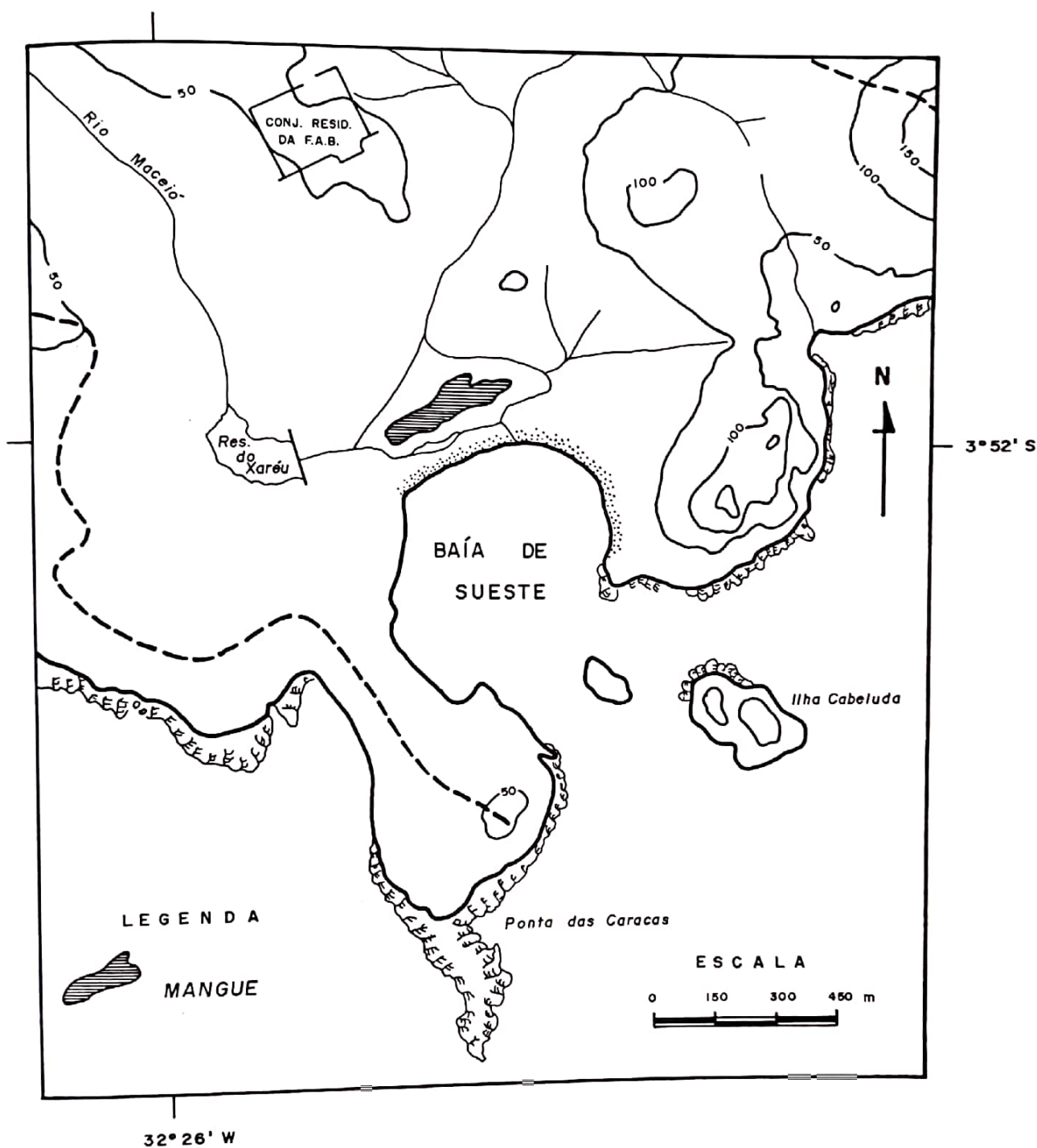


FIGURA A -

Detalhe parcial da Ilha Fernando de Noronha localizando o ecossistema de manguezal junto à Baía de Sueste para identificação dos componentes espaciais de cobertura natural e uso do solo sobre fotografia aérea reproduzida na Figura B.

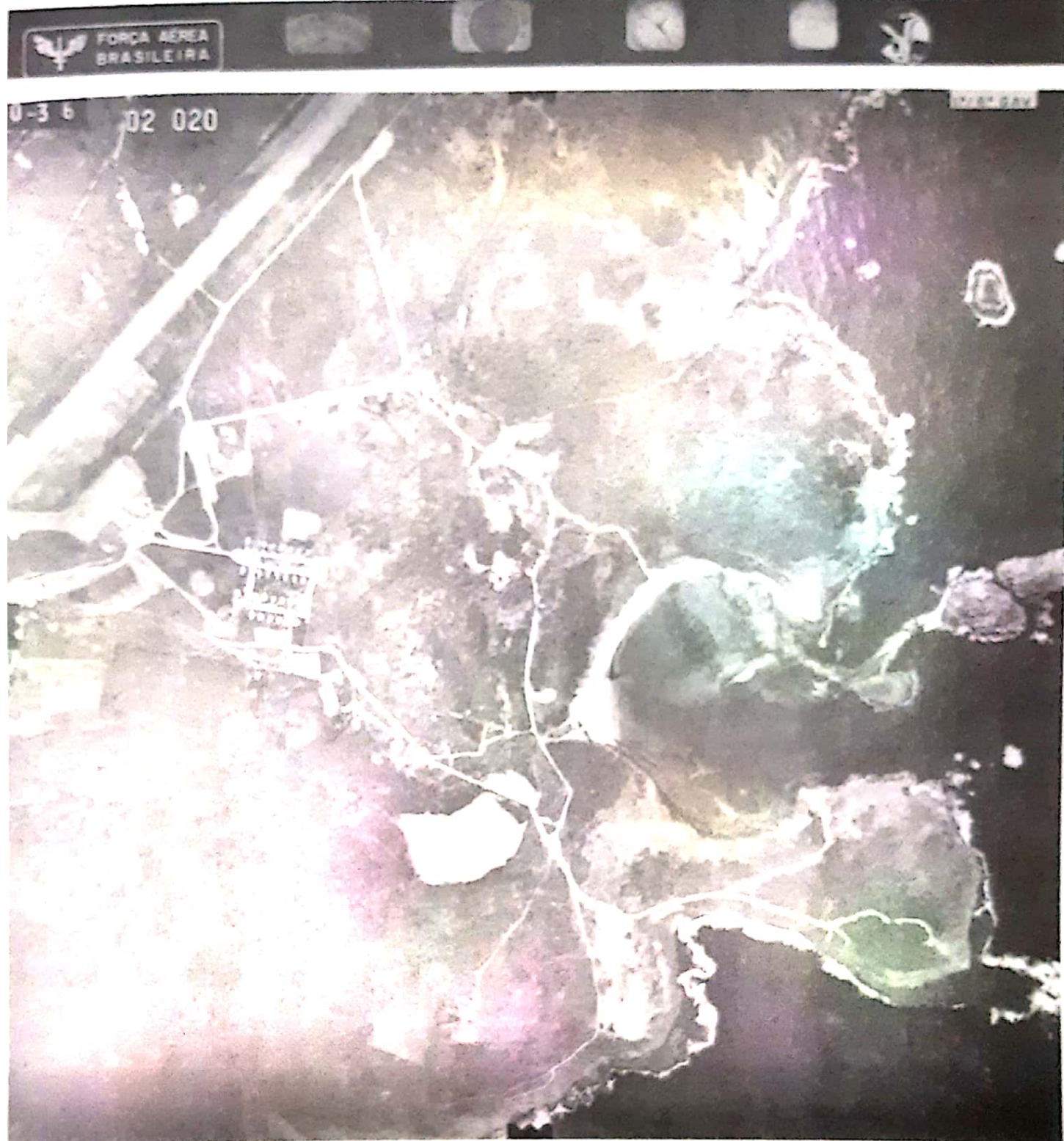


FIGURA B -

Fotografia aérea (02 020) realizada pela FAB (1°/6° GAV) por sobrevôo em escala 1/10:000 sobre a porção sudeste da ilha Fernando de Noronha.